



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## Para o panteão lusitano

Francisco Martins Sarmiento

*Revista Lusitana*, Porto, 1887, vol. I, n.º 3, pág. 227

O Museu da Sociedade Martins Sarmiento possui alguns monumentos epigráficos, consagrados aos deuses, de que vou dar conta, juntando as notícias que recolhi sobre os lugares onde foram encontrados, e quaisquer outras que possam justificar as observações, que desejo fazer um dia sobre o Panteão Lusitano em geral.

\*

**Deus Aerno** (Castro de Avelãs). — Uma ara de mármore, hoje partida pelo terço superior da terceira linha da inscrição, e onde apenas se lê com certeza:

DEO AER  
NO M

Creio que foi Ribeiro de Sampaio quem primeiro publicou esta inscrição no 5.º volume das *Memorias de Litteratura Portugueza*, lendo:

DEO AR  
NO M  
ACIDI

O sr. Hübner reproduziu-a nas *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ*, n.º 2.607, sob a responsabilidade do nosso compatriota, mas suspeitando com a sua habitual sagacidade que o nome do deus

estava errado, devendo ler-se AERNO e não ARNO. O E, suprimido na cópia de Sampaio, está tão distinto no original, que mal se percebe a causa daquela omissão. Também por falta de explicações deste antiquário se tem admitido que na terceira linha se lê distintamente ACIDI e nada mais. Não é assim. Desta terceira linha resta apenas a parte superior de cinco letras, que justificam efectivamente aquela leitura: mas, antes delas, existia com certeza uma, com probabilidade duas outras letras, que desapareceram de todo. A simples lição de portanto mais que duvidosa<sup>1</sup>.

Sobre a leitura de AERNO não pode haver a menor hesitação, sem embargo das dúvidas do sr. T. Mommsen.

Além da ara de que tratamos, havia ainda no tempo de Sampaio uma outra mais interessante, dedicada ao mesmo deus<sup>2</sup>, e quem ler a colecção do professor Hübner cuidará que pode encontrá-la ainda hoje na igreja do Castro; mas, uns bons quinze anos antes da publicação do volume do *Corpus*, a lápide, que também era de mármore, estava transformada no remate dum mausoléu de Bragança, com todas as letras destruídas<sup>3</sup>.

Na cópia de Sampaio o nome de AERNO aparece com todas as letras, e desta vez o seu testemunho é tanto mais insuspeito, que ele considerava AERNO como uma "abreviatura" de AETERNO. Viterbo, quando afirma descobrirem-se vestígios de um V, ligado ao A, que houve a cautela de suprimir, não mirava senão a arranjar um DEO AVERNOR(um) e não merece nenhuma confiança.

A existência de um deus AERNO é incontestável; e, pelo que se vê, era ele o deus por excelência de Castro de Avelãs; mas é preciso procurar o Castro noutra parte, que não na povoação que Ihe usurpou o nome, e que fica numa planície. Um Castro numa planície é quase um não-senso. A tradição sabe ainda que o Castro era num relevo orográfico a poente do actual lugar deste nome, nas chamadas terras de S. Sebastião, por onde mesmo à flor do solo se encontram numerosas relíquias de cerâmica antiga, alguns objectos de bronze, etc.

---

<sup>1</sup> Não advertir, que pela memória de Sampaio vê que ara já embutida na parede duma casa particular, donde agora foi tirada e era tão legível então, como o é hoje.

<sup>2</sup> Que dizia: DEO | AERNO | ORDO | ZOELARVM | EX VOTO.

<sup>3</sup> Este vandalismo foi cometido por um vereador da Câmara Municipal de Bragança. O povo do Castro tumultuou, quando teve notícia de que Ihe queriam levar a antigualha; mas o camarista chamou uma escolta soldados e fez respeitar a sua autoridade e a sua rapina.



Ao sr. professor José Henriques. Pinheiro, que se incumbiu de adquirir para a Sociedade Martins Sarmiento a ara mutilada do deus Aerno, cabe a glória (se entre nós estas coisas dão glória) de ter chamado a atenção para aquelas ruínas e de começar por sua conta uma pequena exploração, que a Sociedade continuou depois até onde pôde<sup>4</sup>. Para calcular o prémio que daria uma exploração em forma, bastará dizer que no pouco tempo, em que ali se trabalhou, além de várias miudezas, de que não posso ocupar-me, foram descobertas cinco lápides funerárias da época romana, pela maior parte quebradas, e portanto com inscrições incompletas, dois marcos miliários, uma inscrição gravada numa peça de xisto, etc.

O Castro era pois uma povoação de certa importância, que, como todos os nossos castros, remonta ao período pré-romano, e — o que especialmente nos interessa — o deus Aerno foi mais que provavelmente o protector daquela povoação, tendo talvez um templo muito próximo ao local, onde depois se levantou a capela de S. Sebastião, hoje quase totalmente destruída<sup>5</sup>. Em abono desta suposição cumpre citar a notícia de Sampaio, de que “constava, que se tinha achado outra (inscrição) igual (a que nos ocupa) em uma antiga Igreja de S. Sebastião, que fica em um outeiro, junto àquele lugar (o Mosteiro) É bem possível que esta terceira memória do deus Aerno esteja soterrada nas ruínas.

**Deus Bormânico** (Caldas de Vizela). — Há duas inscrições alusivas ao *Bormânico* de Vizela, ambas elas já conhecidas. O sr. Hübner, que as viu, transcreve-as assim no 2.º volume do *Corpus*:

---

<sup>4</sup> Esta exploração, ou antes reconhecimento, valeu à Sociedade e ao sr. professor Pinheiro algumas injúrias. O *Jornal do Commercio*, de Lisboa, depois de noticiar as escavações em que a primeira andava empenhada, lembrava ao Governo a necessidade de tomar conta daquela exploração e de todas as explorações possíveis, para que os particulares e as sociedades se não apossassem das nossas preciosidades arqueológicas e as não vendessem aos estrangeiros. O sr. Pinheiro foi vítima n'Á *Provincia*, dumas brutalidades sem nome, na *Revista Archcologica e Historica*, dumas ironias e insinuações aziumadas, que deviam magoá-lo mais que as primeiras, atendendo a que o signatário do artigo da *Revista* lhe devia algumas finezas, entre elas a permissão de copiar as inscrições que tinha desenterrado. Tudo isto, já se a pretexto de servir a ciência e as nossas antiguidades, e tão bem servidas foram elas, que as explorações pararam.

<sup>5</sup> No relatório que o sr. Pinheiro tenciona publicar na *Revista de Guimarães*, competente planta da parte explorada das ruínas, melhor se aclarará este ponto. As notícias, que temos dado a respeito do Castro, foram-nos comunicadas por aquele cavalheiro.



C. POMPEIVS  
GAL. CATVRO  
NIS. F. rect  
VGENVS. VX  
SAMENSIS  
DEO BORMA  
NICO V. S. P. s.  
QVISQVIS HO  
NOREM. AGI  
TAS. ITA. TE. TVA  
GLORIA. SERVETE  
PRAECIPIAS  
PVERO. NE  
LINAT. HVNC  
LAPIDEM

As quatro primeiras linhas estão hoje pouco menos de ilegíveis, bem como as duas últimas letras da sétima. Na sexta linha lê-se muito distintamente REO, em vez de DEO; porém Mascarenhas Neto, que primeiro deu notícia deste monumento<sup>6</sup> informa que o seu possuidor lhe mandou renovar as letras, e é daí certamente que vem aquela anomalia.

A outra inscrição diz:

MEDAM  
VS CAMALI  
BORMANI  
CO. V. V. L. M.<sup>7</sup>

Esta segunda inscrição está gravada numa ara portátil, de granito meio fino; enquanto que a primeira foi aberta numa grosseira pedra de uns oito palmos de alto, que devia ser fixada no solo.

Como se sabe, o culto de Bormânico estava vulgarizado nas

---

<sup>6</sup> Memórias de Litteratura Porsugueza, págs. 93 e seg.

<sup>7</sup> Nesta inscrição, como noutras que se seguem, há letras ligadas. Visto que o nosso trabalho não é propriamente epigráfico, achamos inútil especificá-las, salvo num ou noutro caso.

Gálias, na Ligúria, segundo se infere do nome duma povoação deste país, o Vicus Bormani, e eu já mostrei, bem ou mal<sup>8</sup>, que o Bormos mariandino é o mesmo deus, primitivamente um deus das fontes. Foi só com o andar do tempo, a meu ver, que ele se tornou um deus curandeiro, fazendo milagres com as águas termais.

Certo é que nos aparece nesta qualidade em quase todas as inscrições, e provavelmente em Vizela, o próprio Esculápio, mencionado noutra inscrição, infelizmente perdida, a par dum Olimpo quase inteiro<sup>9</sup>, não o pôde destronar.

Tanto na margem direita do rio Vizela, onde foi encontrada a primeira lápide (na Lameira), como na margem esquerda, onde parece ter sido achada a segunda, há vestígios de estabelecimentos termais da época romana. O da Lameira devia ser importante, em vista dos excelentes mosaicos, que algumas escavações casuais têm posto a descoberto.

Quem da Lameira segue o caminho, que leva a igreja de S. Miguel, encontra a cada passo fragmentos de telha com rebordo, e, interrogando a gente da povoação, ficará sabendo que houve por ali a “cidade Suzana”. Pedra de antigas construções, aproveitada em casas e paredes modernas, não falta, e não é raro desenterrarem-se por aqueles sítios capitéis e fustes de colunas, moedas romanas, etc.

Notícias mais circunstanciadas sobre as antiguidades de Vizela podem ver-se no n.º 4, ano de 1884, da *Revista de Guimarães*.

A segunda inscrição de Bormânico traz-me sempre por associação uma outra, insculpida numa laje da Citânia, e que o sr. Hübner, quando visitou estas ruínas, leu, como eu já tinha lido:

CORV  
ABE  
MEDAMVS  
CAMALI

---

<sup>8</sup> Na *Revista de Guimarães*, 1.º ano, n.º 2. (Págs. 183 e ss. do presente volume. Nota da revisão).

<sup>9</sup> Vid. *Corpus*, II, 2.407. No citado número da *Revista*, onde enfileirei este “agmen deorum” como lhe chama o sr. Hübner, regulei-me pelas suas *Noticias archeologicas de Portugal*, em que a leitura das nossas inscrições nem sempre concorda com a do *Corpus*, no caso sujeito, por exemplo.

Este Medamo, filho de Camalo, podia muito bem ser devoto do Bormânico de Vizela; mas não é para isso que chamo a atenção dos competentes. Que é Coru e Abe? A inscrição não pode ser funerária, porque se encontra dentro do primeiro recinto de muralhas, onde não é crível que existissem memórias desta espécie. O que é pois?

**Deus Brico** (Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão).

A. BRICO  
FLAVS A  
PILI VAL  
ABRICII  
NSIS VO  
TVM. S. L.  
M. MIIRITO.

Esta inscrição, até hoje inédita, existia numa casa da freguesia de Delães, próxima ao Monte de S. Miguel, o Anjo. Quem primeiro teve dela notícia foi o meu amigo José da Cunha Sampaio em 1884.

A primeira letra da primeira linha está um pouco deteriorada, mas era com certeza uma sigla, porque um ponto muito distinto a separa do nome seguinte. Tem todos os visos de ser um A. As demais letras estão perfeitamente conservadas e não há que hesitar na sua leitura.

O Monte de S. Miguel é um outeiro isolado, onde são ainda hoje muito visíveis os vestígios duma povoação do tipo da Citânia, mas de muito menores dimensões. Seguem-se ainda muito distintamente as linhas das muralhas; notam-se aqui e ali alguns restos de construções; a telha com rebordo e fragmentos de vasilhas aparecem frequentemente, tanto dentro, como fora do recinto dos muros, porque a povoação para o lado de sudeste alargou-se além da circunvalação. E por isso que muitas vezes, ao revolver os terrenos próximos ao outeiro, se desenterram mós de moinhos, algum objecto de bronze,

moedas, etc. Quase todos os objectos se somem, segundo o costume, sem se saber por onde. Se o arado, lavrando mais fundo, embica com uma pedra, trata-se de arrancar a pedra e, se deste modo se descobrem os alicerces duma casa redonda, “feita de pedras queimadas como já aconteceu, destrói-se tudo.

Nenhuma tradição se conserva acerca do nome da povoação. Sabe-se apenas que foi *coisa dos moiros*.

O que não tem dúvida nenhuma é que o deus Brico foi ali adorado, como é hoje S. Miguel, cuja capela se levanta no tope do monte.

Como se vê, o voto ao deus foi feito e cumprido por um Flaus, natural de Valábria. E provavelmente a Volóbriga de Ptolomeu; mas, para fixar a sua posição, de nada nos servem as indicações dum geógrafo, que nos põe Braga nas margens do rio Minho.

Volóbriga põe-na ele na esquerda do rio Næbis (Neiva); mas, mesmo que os Nemetanos, a quem a cidade pertencia na sua opinião, tivessem alguma relação com o Næbis, o que é bem possível, nas margens deste rio, como em todos os do Entre Douro-e-Minho, não faltam ruínas de povoações pré-romanas, para nos podermos orientar numa direcção certa.

**Deus Corono** (Serzedelo, concelho de Guimarães). — Foi ainda o meu amigo José Sampaio que em 1885 teve a primeira notícia da inscrição, que vai ocupar-nos, e inédita até hoje, como a antecedente.

O nome do deus está no lado esquerdo da ara e lê-se distintamente: RONO. O nome do dedicante e a fórmula votiva tomam toda a frente e as últimas linhas obliquam de tal modo, que a derradeira já entra pelo soco da ara.

Não me atrevendo a dar como certas as duas últimas linhas, substituí-las-ei por pontos e copiarei só as cinco primeiras, substituindo também por pontos duas letras duvidosas.

PATERN  
VS FLAVS  
A . APOS

VIT IIXSV  
O . O MII  
.....  
.....

Entre os dois AA da terceira linha distingue-se um traço vertical, que eu penso ser resto dum R, formando com o A seguinte ligadura de R-A-M. Uma ligadura de M-A aparece na palavra MAXSIMO duma outra inscrição, achada na mesma localidade e que transcreverei abaixo. Eu inclino-me a ler ou mesmo POSVIT, admitindo um barbarismo, que tem fiadores na epigrafia desses tempos.

Entre os dois OO da quinta linha não faltará quem queira ver um T, e neste caso temos de ler EX VOTO, sendo a preposição EX representada por IIXS. Os dois II por E, já os vimos duas vezes na inscrição de Delães, freguesia que, diga-se de passagem, dista de Serzedelo pouco mais de uma légua. O XS por X encontra-se na outra inscrição de Serzedelo, a que aludimos acima, na palavra MAXSIMO.

As duas últimas letras da quinta linha parecem o começo da palavra dando nesta epígrafe um segundo exemplo de dois II por E. As letras restantes completavam a fórmula do voto; mas não me arrisco a restaurá-la.

O que para mim não tem a menor dúvida é que o dativo CORONO, que se lê no lado esquerdo da ara, é o nome do deus.

A lápide apareceu no lugar de Castro, num campo da propriedade chamada Vila Meã. O lugar ocupa a coroa do Monte de Pedrados, que pelo norte é -sofrivelmente abrupto e pelo nascente liga com o sistema orográfico, onde domina o alto cabeço da Senhora do Monte. Quem do Castro sobe naquela direcção encontra a pouca distância dele um outeiro isolado com o nome de Crasto. Aqui, como noutras partes, tem-se por assente que *Castro* é apelido de homem, *Crasto coisa* muito diversa. Eu sempre quis examinar um e outro; mas o Crasto não me mostrou o menor vestígio que me fizesse crer ter sido ali a primeira sede da povoação<sup>10</sup>. Pelo contrário no Monte Pedrados,

<sup>10</sup> Perto do Crasto há uma fonte do nome, afamada *pelos tesouros que lá tem dentro*.

que só tem o contra de ser pouco defensável, excepto pelo norte, como já disse, há numerosas indicações duma povoação de certa importância, e, segundo a tradição chamava-se ela “cidade de Pedrauca”. Pedras de antigas construções encontram-se pelas casas e paredes da aldeia; fragmentos de telha romana e de louça aparecem numa grande extensão; no campo, onde foi achada a ara de Corono, descobriram-se, ao plantar umas árvores, alicerces duma casa, que foram soterrados de novo.

Fontes com tradições de tesouros há duas, a Fonte Velha e a Fonte de S. Miguel. A primeira tem sido explorada pelos ciprianistas, e o diabo falou lá uma vez, perguntando-lhes o que queriam. Como na resposta metessem o nome de Jesus, imagina-se o resultado: um estampido medonho, que pôs tudo em debandada.

Mostra-se também, já no monte, o “Penedo do Caixão”, uma sepultura aberta em rocha, e já meio destruída.

A povoação ficava a pouca distância do rio Selho e não longe do ponto em que este rio conflui com o Ave.

Não era só o deus Corono que fazia milagres na cidade de Pedrauca seus arredores. Junto da igreja de Serzedelo, que pouco dista do Castro, foi encontrada uma outra ara, esta destinada a ser cravada no chão, onde se lê simplesmente:

IOVI OPTI  
MO MAXSIMO.<sup>11</sup>

**Deus Cusuneneoeco** (Burgães, concelho de Santo Tirso) e Turiaco (no mesmo concelho).

A inscrição de Burgães encontra-se na colecção do sr. Hübner, sob o n.º 2.375, mas o insigne epigrafista não a examinou, e a cópia, de que se serviu, não podia ser mais infeliz.

O leitor, avaliará, comparando a lição do *Corpus*, que ponho em

---

<sup>11</sup> Descoberta também no ano de 1885 pelo meu amigo, Padre João Gomes, pelo meu amigo, Padre João Gomes, hoje Abade de Tagilde. Foi oferecida à Sociedade Martins Sarmiento no mesmo ano. Dedicada a Júpiter já hoje no Museu o fragmento de outra lápide, aparecida em Negrelos.

primeiro lugar, e a lição verdadeira, que ponho em segundo:

DEOD	DEO D
OMEA	OMEN
OVS	O CVSV
VEM	NENEO
ECOE	ECO EX
VOTOX	VOTO

*Ao lado:*

SEVE	SEVE
RUS F	RUS P
OSVE	OSVI
F.	T.

Temos por certo que a segunda palavra DOMENO está por DOMINO. A pequena ara, em que se lê esta inscrição, foi achada há cerca de quarenta anos, parece, numa propriedade chamada S. Simão, próxima à Chá das Cruzes. Na Chá foi desenterrada em 1841 uma panela com moedas romanas, algumas de Constantino, segundo um apontamento que tenho à vista. A sul da Chá e contígua a ela há um outeiro, por cuja encosta se descobrem fragmentos de telha com rebordo, que mais abundantes se tornam para a coroa do cabeço.

Vêm-se aqui e ali alicerces de construções e pelas paredes dos campos e bouças vizinhas não faltam -pedras, que decerto lhes pertenceram. Às vezes desenterra-se por aqueles sítios um grande “testo de pedra” que, sabidas as contas, e uma das peças dum moinho de mão.

Em suma, há todas as provas de que o alto fosse a sede duma povoação, em que o deus Cusuneneoeco dava leis, antes que o Cristianismo o derribasse do seu trono — povoação que se estendeu na época romana para a Chá de Santa Cruz.

Como em toda a parte, todas aquelas velharias são atribuídas aos mouros, e a alguma distância mostra-se mesmo a Campa do

Mouro, que é uma sepultura em rocha, como a de Pedrados, salva a diferença de forma. Parte da campa foi já quebrada a tiro.

Tesouros encantados é de ver que também não hão-de faltar, e o Penedo do Ouro que se encontra num campo do mesmo nome, não longe do outeiro, deve ter feito perder o sono a muita gente. E um grupo de penedos coberto de musgo e carvalhos e hoje parece estar um pouco desacreditado, como mina de riquezas, porque nem mesmo conserva uma lenda, que alimente os sonhos dos crendeiros.

Como estamos no concelho de Santo Tirso, não devo deixar de mencionar um outro deus, que já estaria conhecido, há muito, se os nossos antiquários fossem menos estouvados nas suas cópias e nas suas interpretações.

O leitor tem talvez visto em mais dum escrito que em Santo Tirso existe o “epitáfio dum soldado que venceu Viriato”. Aqui está o “epitáfio”:

L. VALERIVS SILVANVS  
MILES. LEG. VI. VICT.  
. . . TVRIACO  
. S.L.M.

No *Boletim dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, n.º 7, ano de 1884, onde dei conta desta inscrição, punha em dúvida se o deus, ao qual Valério Silvano fizera o seu voto, era ou não TVRIACVS. Hoje, depois dum novo exame, por que passou a lápide, nenhuma dúvida me resta. Antes de TVRIACO havia a palavra DEO, que, menos uma parte da última letra, desapareceu, bem como o V da terceira linha, a um choque brutal que lascou esta parte da pedra.

O sr. Hübner, *corpus*, n.º 2.374, achou prudente suprimir o VIXIT VIRIATO das antigas cópias, na suposição de que andava aqui uma interpretação inepta do número e nome da legião. Não era isso, mas coisa talvez pior. Do nome da legião VICT(*ricis*) fizeram os nossos epigrafistas VICIT, de TVRIACO fizeram VIRIATO. O que eles deixaram de copiar, foi a fórmula votiva, que faria mudar inteiramente as ideias

do sábio alemão, se lhe fosse conhecida.

**Deus Durbédico** (Ronfe, concelho de Guimarães). — No n.º 5 do *Boletim* já citado, mesmo ano, dei notícia da descoberta e do texto desta inscrição. Diz ela:

CELEA  
CLOVTI  
DEO D  
VRBED  
ICO EX V  
OTO A...

Foi achada em 1881 na face interna da parede da torre de Ronfe. Segundo dizia o informador, que me foi mostrar, apenas se lhe distinguia uma ou duas letras. A verdade é que todas as letras estão muitíssimo distintas, excepto as três que completavam a fórmula do voto.

Debalde procurei tradição, alusiva a quaisquer ruínas, pelas cercanias da igreja. As minhas investigações por aqueles lugares também nada produziram. A pouco mais de meia légua não nos faltariam ruínas. Não é de crer porém que a lápide viesse de longe, e por isso, mais que provavelmente, o deus Durbédico teve a sua sede não longe da igreja de Ronfe.

**Génio dos Loncobricenses** (Freixo, concelho do Marco de Canaveses). — Esta inscrição, que com as duas antecedentes já tornei conhecidas no *Boletim*, é sobretudo notável por nos revelar o antigo nome da povoação do Freixo. A povoação actual, ocupa o primeiro recinto de muralhas duma *briga*, igual a centenas doutras, que coroavam os altos do nosso país. Mas, se a quase totalidade delas foram desprezadas, devemos supor que não sucedeu o mesmo no Freixo, por não se tornar crível que ele fosse repovoado depois dum largo abandono.

Como por ali se revolve a terra frequentemente, a cada passo estão a descobrir-se velharias que ninguém recolhe. De moedas de

cobre ninguém faz caso; objectos de cerâmica que apareçam, apenas algum curioso guarda um ou outro. Na minha primeira visita àquela povoação, curiosidades desta última espécie havia apenas três, uma lâmpada de louça encarnada com relevos, duas vasilhas, uma das quais me permitiu reconstruir outras da Citânia, onde só aparecem os bocais, que chamam a atenção pelo esquisito da sua forma.

Creio firmemente que, se todas as antiguidades descobertas no Freixo tivessem sido conservadas, formariam um curioso museu.

Mas falemos da inscrição. Está insculpida numa ara de granito, bastante duro para resistir aos maus tratos que tem sofrido. Ainda assim do lado direito, esquerdo para o observador, alguma pancada mais que brutal fez-lhe saltar uma lasca, que levou a primeira letra da primeira linha, o que pouco importa, porque a restauração da letra é forçada, um G, mas que deixa em dúvida se levaria também a primeira letra da segunda linha, o que é deveras lamentável, porque a dúvida versa nada menos que sobre o étnico, que a inscrição menciona.

No seu estado actual o que se lê é:

ENIO  
ONCOBRI  
CENSIVM  
ANIVS  
V. S. A. L. M.<sup>12</sup>

O primeiro O do segundo nome não alinha como E superior; coincide com parte do intervalo entre esta letra e o G que a precedia, e entre ele e a aresta da ara mal podia caber outra letra, a não ser um 1, ou um L de travessão muito curto. E esta última hipótese que me namora, dando-a pelo que ela vale.

Entre ONCOBRICA e LONCOBRICA não resisto à tentação de optar pela segunda<sup>13</sup>.

O nome do dedicante está sofrivelmente apagado e eu hesitava

<sup>12</sup> Os B-R-I da segunda linha estão ligados, como o VM da segunda e o AN da terceira.

<sup>13</sup> IONCOBRICA parece-me estar fora de qualquer discussão.

na sua leitura, quando escrevi no *Boletim* o artigo a que me tenho referido, e onde igualmente publiquei outra inscrição do Freixo, que saiu deploravelmente desfigurada.

As duas inscrições aclaram-se mutuamente. A lápide, em que se lê a segunda, serve hoje de pedestal duma cruz e, porque os ângulos lhe foram cortados de alto a baixo, as letras das extremidades das linhas desapareceram. A dificuldade da leitura está apenas no primeiro nome, mas depois dum aturado exame ficou provado que este nome era ANIVS. A restituição de toda a legenda é pois:

ANIVS IOVI  
O.M. V. S.  
L.M.<sup>14</sup>

*Anius Jovi Optimo Maximo votum solvit libens merito.*

Tenho por certo que os votos ao Génio dos Loncobricenses e a Júpiter foram feitos pelo mesmo devoto, ANIO.

O sr. Hübner, *Corpus*, n.º 2.385, copia a inscrição, sem suspeitar a falta, deixem-me dizer simétrica das letras, o que o inabilitava para tentar uma restituição qualquer. Alude ele, por informações de Levy, a uma terceira inscrição, que existia ao canto da igreja. Esta tem todos os visos de haver sido um marco miliário. Está mutilado na parte superior e hoje apenas se lê:

INVICTO  
AVG. P. M.  
TRI. P. P. P.

Está actualmente num quintal próximo da igreja.

A “mesquita”, a que se referia Serra, citado pelo professor Hübner, é a chamada Igreja dos Mouros”, ainda dentro da antiga circunvalação, e consiste em alguns lanços de parede, de aparelho

---

<sup>14</sup> O nome de ANIVS tinha ligadura de letras.

miúdo, excelentemente conservados, graças à solidez da sua primitiva construção. Só uma escavação que pusesse a descoberto os alicerces da parte demolida, poderia indicar a forma e o préstimo daquele edifício.

Não entra no meu plano fazer a resenha das antiguidades do Freixo. Pouco se perde porém em mencionar duas sepulturas abertas em rocha, do género da de Pedrados e de Burgães, que se encontram no centro da povoação. Os que atribuem a estes monumentos uma altíssima antiguidade têm aqui uma prova de que eles são posteriores ao começo da época romana. Na minha humilde opinião pertencem ao período cristão.

**Ninfas** (Guimarães). — Há três anos o inquilino duma casa da rua dos Laranjais, vendo passar uma ara, que fora oferecida à Sociedade Martins Sarmiento, disse que tinha dentro do prédio uma coisa muito semelhante. Efectivamente era uma ara no melhor estado de conservação com a inscrição seguinte:

VRBANVS  
PROCRY  
SIDE  
NYMPHIS  
POSVI

Esta inscrição, até hoje inédita, é a única que conheço em Guimarães<sup>15</sup>. Argote fala numa outra, que no seu tempo havia na loja dum particular; mas nunca pude saber onde existia, e com certeza não é a que nos ocupa.

---

<sup>15</sup> Em S. Miguel de Creixomil, freguesia suburbana, existe, embutida na parede da igreja, uma lápide funerária, de que o Padre António Caldas deu notícia na sua obra sobre Guimarães;

Diz:

IVLIAE  
AVITAE  
NIGRI  
SEMPRO

O nome de SEMPRO não está mutilado. É um nominativo muito completo.

**Deus Tameóbrio** (Castelo de Paiva). — A primeira notícia desta inscrição aparece no primeiro volume das *Dissertações chronologicas* de J. P. Ribeiro a pág. 347. O sr. Hübner, *Corpus*, 2.377, serve-se da cópia das *Dissertações* mas esta cópia não é fiel.

O nome do deus está insculpido no friso superior da ara, e o gravador, calculando mal o espaço de que dispunha, deixou incompleta a última letra. Esta letra era um O, e, porque lhe falta um pouco mais que um quarto de círculo, compreende-se que alguém a tomasse por um C; mas por um G já é pouco explicável; dar como certos um G e um O é inexplicável de todo.

Não é preciso um exame muito demorado do original, para decidir que a última letra é um O incompleto. Assim a legenda diz:

#### TAMEOBRIO

Mesmo que TAMEOBRIO seja uma contracção de TAMEOBRICO, como -parece provável, há aqui um facto linguístico, digno de atenção; e por isso a leitura exacta tem mais importância do que muitos podem imaginar.

Não se sabe ao certo em que sítio apareceu a lápide. J. P. Ribeiro diz que ela “foi transferida das margens do Douro para o lugar do Castelo de Paiva”; mas o lugar do Castelo de Paiva fica próximo das margens do Douro, e a gente do lugar não somente sabia que a pedra era dos mouros, mas acreditava que, se alguém lhe decifrasse as letras, ficaria conhecendo onde estava o tesouro, a que nela se aludia. Parece pois que a pedra não podia ter vindo de longe, visto que com a sua translocação se não perderam as lendas, que lhe andavam associadas.

A propriedade, onde ela se conservava, quando foi oferecida à Sociedade Martins Sarmiento, e onde decerto já estava no tempo de J. P. Ribeiro, fica na margem esquerda do Douro e próxima da foz do rio Paiva, num sítio chamado Castelo de Baixo. Havia portanto um outro Castelo<sup>16</sup>, mais a montante do rio, e um exame minucioso destes

---

<sup>16</sup> Não há que pensar nos castelos da Idade Média. Muitos dos nossos castros



**casadesarmento**

centro de estudos do património

lugares aclararia talvez o ponto das dúvidas, em que estamos enredados. Eu não os conheço. As informações que deles tenho e quase sempre de acordo com as de Pinho Leal, só me permitem concluir que por ali abundam antiguidades dignas de muita atenção.

Guimarães, 5-6-87.

---

pré-romanos são conhecidos hoje com a denominação de castelos, — o do Neiva, de Vermoim, etc.